

O CRIME E OS SEUS BOTÕES

É difícil avaliar o poder do crime organizado. As vezes o subestimamos, ora o superestimamos. Queremos tê-lo bem longe de nós: essa parece ser a medida sobre a qual temos mais certeza. E talvez seja esta medida que fugiu à nossa conta quando dos acontecimentos em Bangu 1, em 11 de setembro.

A mídia tem oferecido imagens de buscas e capturas que parecem, as vezes, esgotar as finalidades das condutas oficiais na solução dos problemas de segurança pública. A captura de Fernandinho Beira-Mar em plena Colômbia foi celebrada nacionalmente, através da repercussão midiática, como um êxito brasileiro e certamente o foi. Mas os acontecimentos verificados em Bangu 1 deram lugar a uma relativização daquele feito policial.

Fernandinho estava ali, à disposição do estado, num presídio de segurança máxima e é dali que ele gera uma rebelião, sai vitorioso, dizendo, de acordo com o que informam as revistas semanais IstoÉ e Época, que **“tá tudo dominado”**. Lá dentro, como as diversas mídias noticiaram, foram encontradas armas, drogas e até um pé de maconha. Como todos sabemos, ali foram mortos quatro rivais de Beira-Mar.

As duas revistas Época e IstoÉ, aqui tomadas como exemplos da cobertura midiática, entre outros aspectos, dão conta de dois elementos que parecem compor a química do poder do crime, anunciado como paralelo. Há um bandido que, diferentemente das modalidades habituais de encarar o público, mostra a sua face, sorri, exhibe-se como que orgulhosamente. É um bandido que, ao não

proteger sua imagem como fazem os bandidos habitualmente, realiza uma operação simbólica que tem um peso político (pouco importa se realizada de modo consciente), evidenciando para seus seguidores que a sua “lei” deve ser motivo de orgulho, contribuindo, desse modo, para atacar mais uma vez, com aquele gesto, a ordem estabelecida.

O outro componente, entre tantos, diz respeito à disposição de uma liderança que não precisa estar fisicamente presente para atuar, para comandar. Alguém que aciona botões capazes de fazer matar inimigos ou traidores que estão à solta. O mesmo que, com os seus botões, faz chegar à penitenciária de segurança máxima, caixa de isopor com camarões, salmão e picanha, como informa a Época.

Beira-Mar estaria sugerindo que a sua condição de preso não altera o seu poder, uma vez que a sua ação criminosa não pressupõe a sua presença, do mesmo modo que os donos dos grandes negócios, de um modo geral, têm apenas as suas presenças virtuais marcadas no interior de suas organizações. Geralmente, nas salas das direções das grandes empresas, há fotografias dos proprietários. As vezes eles assinam cartas de congratulações nas datas comemorativas ou, por iniciativa do pessoal do marketing, colocam suas assinaturas sobre documentos que se destinam a um grande público e dão conta de alguma informação estratégica para os grupos.

A regra de que o olho do dono é que engorda o negócio, continua válida, porém o olho adquiriu lentes de grande alcance e precisão. É a própria dimensão dos poderes que levaram a adoção de controles cada vez mais

serializados, obedecendo a ordens que são emanadas de longas distâncias.

Ao que parece, os episódios protagonizados por Beira-Mar em 11 de setembro demonstram afinidade, em termos de método, entre aquele tipo de criminalidade e a face moderna das organizações, especialmente, no que tange à manutenção da continuidade das atividades, independentemente das condições em que se encontram suas lideranças.

Um outro aspecto que se combina com o anterior diz respeito à nova orientação no que se refere ao sigilo. Diante da concentração do poder do tráfico na mão de Beira-Mar, gerando uma espécie de monopólio, muitos segredos foram abertos. De repente, o que não faltam são pistas seguras de que o poder paralelo vem ampliando seu raio de ação, confrontando-se

com a ordem. Os derrotados em Bangu 1, por exemplo, estão sendo memorados através de ações públicas como a “decretação de feriado” no comércio e nas escolas situados em suas áreas de influência. As demonstrações de poder por parte deste tipo de criminalidade parece se diferenciar da delinquência ordinária também por essa estratégia de explicitação. É neste sentido que é produzido um efeito político mais evidente, uma vez que não simplesmente é rompida a ordem estabelecida mas são evidenciadas táticas para a proposição de uma ordem alternativa.

O crime organizado investe na construção de uma imagem que confunda as referências: o que é um cárcere? Como é a cara de um bandido preso? Do lado de fora: quem manda no pedaço?

O que está em jogo, portanto, não é apenas mais um exemplar de bandido. O que está sendo exposto é um novo modelo, uma nova abordagem do crime a qual conta com outra sorte de disfarces que não a velha máscara. Trata-se de pontes humanas a facilitar o encurtamento das distâncias entre a ordem do tráfico e a ordem legalmente estabelecida. Quem sabe, dentro dos novos padrões estejam previstos os sorrisos e a altivez dos jovens bandidos para indicar o sentimento de normalidade diante dos feitos e de sua excepcional linha de montagem que conta com o gatilhos acionados à distância, pelas mãos que acionam os botões.